

Ice, GHB e ecstasy. É a era da droga sintética

Repórter: MARCELO GODOY

Crescimento do consumo em raves e academias preocupa médicos e policiais

A droga sintética se consolida no mercado. É o que afirmam os policiais do Departamento Estadual de Investigações sobre Narcóticos (Denarc) e médicos que acompanham as tendências do tráfico e do uso de drogas em São Paulo. Isso não significa o abandono das tradicionais maconha, cocaína e crack, mas uma diversificação do mercado.

O bancário W., de 44 anos, é um exemplo. Sem deixar a maconha, experimentou ecstasy em Londres e depois usou a droga no Brasil. "Não sou um grande consumidor de ecstasy, pois sempre achei o ácido (LSD) mais interessante."

Por enquanto, a maior parte desses entorpecentes feitos em laboratório é importada. Mas o País não está longe de ter produção própria significativa de metanfetaminas, como o ecstasy e o Ice, de alucinógenos como o LSD e de solventes que contêm o GHB. Eles podem ser consumidos sozinhos ou em coquetéis que envolvem remédios como o Viagra e a Ketamina, conhecida como Special K.

"Esta será a década da droga sintética", afirma o delegado Ivaney Cayres de Souza, diretor do Denarc. "Acredito que viveremos aqui o mesmo boom que essas drogas tiveram na Europa e nos Estados Unidos", diz o toxicologista Anthony Wong, diretor do Centro de Análise Toxicológica (Ceatox), do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Há 12 anos no Ceatox, Wong se lembra da época em que ecstasy e Ice eram meras curiosidades inexistentes no País. "Hoje temos muitos relatos de uso abusivo dessas drogas." Ele é dos que afirmam não haver um abandono dos entorpecentes tradicionais, mas um acréscimo no mercado de drogas que dão a ilusão de serem menos nocivas à saúde, como as anfetaminas e metanfetaminas.

"Vivemos uma situação que passou da curiosidade para o pesadelo", afirma.

Além das sintéticas, outras drogas, as provenientes de modificações em plantas ou entorpecentes tradicionais, estão cada vez mais presentes nas apreensões policiais e nos consultórios médicos. Esse é o caso do skank, obtido por meio de um processo que aumenta a concentração do princípio ativo da maconha, o THC.

Produto nacional - "O próximo passo dos traficantes será construir laboratórios no País, o que barateará o custo dessas drogas", diz o delegado Robert Leon Carrel, há dez anos no Denarc.

"Isso não será difícil, pois não é preciso um curso de química avançada para sintetizar essas drogas", afirma Wong.

De fato, a polícia detectou produção nacional de skank e um laboratório de ecstasy, drogas até então importadas da Ásia e da Europa. Em 2000, os investigadores de Carrel prenderam um químico espanhol que produzia ecstasy num laboratório no Tatuapé, na zona leste de São Paulo.

O skank consumido aqui, antes um produto importado de Bali (Indonésia) e da Holanda, passou a ser produzido em pequena escala no Brasil. A concentração de THC no skank chega a 40%, quando o normal é achar de 2 a 4% na maconha.

"O processo é sempre igual: o traficante traz a droga para o País e verifica se há mercado. Passa, então, a importá-la. O último passo é produzi-la aqui." Carrel afirma que até o antigo LSD, que voltou à moda, já tem produção nacional. Aqui ele é feito em forma de micropontos, enquanto sua versão líquida é produzida na Colômbia.

Ice - O mais novo receio da polícia é a possibilidade de os traficantes trazerem uma outra droga para o País: o Ice ou Cristal, metanfetamina vendida em forma de pedra e consumida em cachimbos como o crack. "A máfia nigeriana envia cocaína do Brasil para a Europa por meio de mulas, que trazem, na volta, ecstasy e outras drogas sintéticas", conta Carrel.

O Ice ou Cristal já domina a Birmânia, principal produtor, desbancando até a papoula, matéria-prima da heroína. De lá, é enviada à Tailândia, ao Japão e aos Estados Unidos. Por enquanto, a polícia paulista não fez nenhuma apreensão de Ice, embora psiquiatras, como Rubens de Campos Filho, do Centro Karl Kleist, de São Paulo, digam que a droga está no País. "Já recebi um paciente que usava."

Outra droga nova detectada aqui é o GHB. Ele atua no cérebro e aumenta a atividade do corpo e a capacidade muscular e diminui o sono, daí ser usado por freqüentadores de academias de ginástica, além de provocar convulsão, aumento da violência e até alucinação. Wong diz conhecer um caso de uso de GHB diagnosticado em São Paulo. Há duas fontes de GHB no mercado, ambas solventes que o fígado transforma na droga.

Mas o que ainda mais dá trabalho à polícia e aos psiquiatras entre as drogas sintéticas são o ecstasy e o LSD. "Eles estão nas boates, festas rave e nas academias de ginástica, restritos ainda à classe média e alta", diz Campos Filho. No último mês, o psiquiatra atendeu 11 pacientes com histórico de uso de drogas sintéticas. "E isso tende a crescer."

fonte: <http://www.estado.com.br> - 20/07/2003